

O Cirandar como uma experiência estética de reencontro: uma carta pandêmica, uma professora na pandemia e a escrita como oásis no caos do cotidiano



ISSN 2358-7180

Cirandar as an aesthetic experience of reunion: a pandemic letter, a teacher in the pandemic and writing as an oasis in the chaos of everyday life

Vivian dos Santos Calixto¹

RESUMO

O percurso constitutivo do vir a ser professor pode encontrar no exercício de escrita um espaço/tempo de reflexão, aprendizagem, análise crítica, transformação das vivências em experiências e de nos oportunizar ter voz ao narrar nossos saberes e fazeres. O projeto de extensão Cirandar: rodas de investigação desde a escola se ancora em princípios orientadores como a compreensão da potencialidade da escrita em sua dimensão epistêmica. Diante do cenário pandêmico, a que fomos acometidos em 2020 e nos mantemos até então, o projeto que ocorria, desde 2012, de maneira presencial passou a ser virtual. Mediante esse novo formato tive a oportunidade de retornar ao Cirandar, mesmo estando geograficamente distante de seu contexto de execução. Nesse texto, apresento a carta final construída por meio do processo formativo atrelado ao projeto supracitado. A partir desse exercício de escrita, com gênero epistolar, tenciono compartilhar como o Cirandar se delineou como espaço/tempo para compreender o ser professora em contexto pandêmico. Potencializando meu reencontro com as narrativas e com a escrita de minha sala de aula. Espero que esse texto possa ser inspiração para aqueles que se sintam inibidos e/ou desmotivados em escrever. Que possamos encontrar na escrita um oásis, uma experiência estética, para compreender melhor o mundo, o Outro e a nós mesmos.

Palavras-chave: Cirandar. Cartas. Experiência Estética.

ABSTRACT

The constitutive path of becoming a teacher can find in the writing exercise a space / time for reflection, learning, critical analysis, transforming experiences into experiences and giving us the opportunity to have a voice when narrating our knowledge and actions. The Cirandar extension project: research circles since school is anchored in guiding principles such as understanding the potential of writing in its epistemic dimension. In view of the pandemic scenario, to which we were affected in 2020 and we have remained until then, the project that occurred since 2012, in person, has become virtual. Through this new format, I had the opportunity to return to Cirandar, even though it was geographically distant from its context of execution. In this text, I present the final letter constructed through the formative process linked to the aforementioned project. From this writing exercise, with an epistolary genre, I intend to

¹ Licenciada em Química e Mestre em Educação em Ciências pela Universidade Federal do Rio Grande (FURG). Doutora em Educação para a Ciência e a Matemática pela Universidade Estadual de Maringá (UEM). Professora Adjunta na Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD), docente permanente do Programa de Pós-Graduação em Ensino de Ciências e Matemática (PPGECMat/UFGD). Líder, em conjunto de Adriana Marques de Oliveira, do grupo de pesquisa: Grupo de Estudos e Pesquisa Horizontes Compreensivos na Educação em Ciências e Química – (GEPHCECQ). E-mail: viviancalixto@ufgd.edu.br. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-5521-0633>

share how Cirandar outlined itself as a space / time to understand being a teacher in a pandemic context. Potentializing my reunion with the narratives and the writing of my classroom. I hope that this text can be an inspiration for those who feel inhibited and / or discouraged from writing. May we find in writing an oasis, an aesthetic experience, to better understand the world, the Other and ourselves.

Keywords: Cirandar. Cards. Aesthetic Experience.

O ITINERÁRIO DE NOSSO DIÁLOGO

O projeto de extensão denominado de Cirandar: rodas de investigação desde a escola vincula-se à Universidade Federal do Rio Grande (FURG) e teve sua primeira edição no ano de 2012, na época sob a coordenação da professora Maria do Carmo Galiazzi. Segundo as informações, disponíveis no site do evento², o histórico do mesmo se delineia da seguinte forma:

No período julho a novembro de 2012, em Rio Grande-RS, no âmbito dos Encontros sobre Investigação na Escola (EIE) aconteceu a primeira edição do processo de formação Cirandar: rodas de investigação desde a escola. A proposição de formação teve por objetivo discutir a reestruturação curricular proposta pela SEDUC-RS, tendo como participantes os Professores Coordenadores dos Seminários Integrados. Sua segunda edição aconteceu do período de abril a novembro de 2013. A terceira edição do Cirandar aconteceu de julho a novembro de 2014. Sua quarta edição ocorreu de maio a novembro de 2015, onde houve a ampliação dos diálogos sobre a sala de aula ao contar com a participação de professores da rede Municipal de Educação de Rio Grande, reforçando as parcerias já estabelecidas e construindo novas parcerias, reafirmando assim identidade do grupo que se constitui como comunidade aprendente. A quinta edição realizada de maio a novembro de 2016 contou com ampla participação dos licenciandos vinculados ao Programa Institucional de Bolsas de Iniciação a Docência - PIBID. A sexta edição contou com a mudança de encerramento, iniciando em maio de 2017 e encontro final em março de 2018, para assim possibilitar maior tempo para leitura entre pares, estudo e reescrita sobre as temáticas contempladas nos relatos produzidos (CIRANDAR/FURG, 2020).

Ao acompanhar o percurso histórico trilhado pelo projeto e seus integrantes percebe-se a nítida relação com a formação continuada e inicial de professores. O princípio de articulação entre Universidade e Escola, delineia-se como um dos pilares centrais da proposta, em conjunto soma-se a relevância atribuída a escrita no processo formativo. O narrar da sala de aula sempre foi o mote do projeto, compreensão e aposta estruturada a partir do argumento acerca da função epistêmica da escrita.

Essas dimensões, princípios estruturantes do projeto, são sinalizados por Dorneles (2018, p. 9) ao argumentar que no Cirandar escreve-se “[...]para aprender sobre o que não

² <https://cirandar.furg.br/historico>

sabemos. É para estarmos atentos a muitas verdades frágeis nas quais acreditamos. A escrita permite nos libertar destas amarras. Nisso deixamos de ser o que somos para nos transformarmos em outra coisa, afirma Jorge Larrosa”.

Diante do cenário pandêmico, a edição de 2020 do Cirandar passou a incorporar, em sua logística e organização, o desenvolvimento de encontros virtuais/online. Por meio dessa reestruturação tive a oportunidade de retornar ao projeto e participar desta edição, mesmo estando geograficamente distante da instituição a que o mesmo se vincula. Com o desafio de organizar e gerenciar um processo formativo, totalmente virtual, emergiu a demanda pelo estabelecimento de uma rede de apoio. Sendo assim, somaram esforços, junto a coordenação geral do evento, conduzida pelas professoras Aline Machado Dorneles e Maria do Carmo Galiuzzi, mais dezesseis coordenadores.

Estes coordenadores ficaram com a responsabilidade de mediar as rodas de formação, nas quais os participantes deveriam elaborar cartas narrando suas salas de aula, seus saberes e fazeres acerca do ser professor no contexto de pandemia. Todo o processo foi conduzido por meio do gênero epistolar, cada participante deveria escrever a sua carta e como movimento de mediação do processo recebíamos cartas, mais especificamente três, elaboradas pela professora Maria do Carmo Galiuzzi, no intento de nos orientar acerca do processo de escrita da nossa sala de aula.

Uniram-se a esse desafio professores de diferentes regiões e instituições, destas pode-se mencionar: Universidade Federal do Rio Grande (FURG) – campus Rio Grande e Santo Antônio da Patrulha; Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul - Campus Rio Grande (IFRS); Instituto Federal Sul-rio-grandense – Campus Novo Hamburgo (IFSul); Universidade Federal de Pelotas (UFPEL); Universidade Federal do Pampa (UNIPAMPA); Universidade Federal do Paraná (UFPR); Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS) e Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD). Além de professores com vinculação a rede estadual de ensino.

Nos reuníamos mensalmente com nossos grupos, ou seja, cada coordenador com seu coletivo de participantes, que girava em torno de dez cirandeiros. E além disso também nos reuníamos com a coordenação para debater os encaminhamentos, as ações, as percepções e as aprendizagens oportunizadas por meio do processo formativo do Cirandar. Todos esses espaços e tempos foram realizados de forma virtual/on-line e

utilizávamos como ferramentas de comunicação aplicativos de envio de mensagem, além do próprio *Google Meet*.

Nesse texto tenciono compartilhar com os possíveis leitores a carta final, elaborada por meio da aglutinação de duas cartas, proposta como produto final do projeto de extensão Cirandar. Essa carta se estrutura a partir de três momentos dos quais posso mencionar: “Como cheguei até aqui?”; “Como estou enfrentando os desafios da pandemia no desenvolvimento de minhas atividades?” e o último denominado de “Desventuras pandêmicas”.

O GÊNERO EPISTOLAR, A ESCRITA, O DIÁLOGO, A CARTA E O CIRANDAR

Escrever nem sempre é algo prazeroso a tod@s, mas argumentamos, enquanto coletivo do Cirandar, em prol da potência inerente ao exercício e desafio de escrever. Esse movimento nos ensina, nos desacomoda e intensifica nossas reflexões. Como alguns teóricos argumentam a escrita tem função epistêmica, nos ensina e apresenta nossos limites, auxiliando-nos a construir o mapa do nosso percurso rumo ao aprender (MARQUES, 2008).

Diante desse cenário, compartilharei com vocês minha carta, ou relato de experiência, caso queiram denominá-la dessa forma. Sua estrutura de escrita se organizará por meio de três dimensões, que se ancoram em alguns dos questionamentos, provocações e reflexões compartilhados nas cartas do Cirandar, escritas pela professora Maria do Carmo, que tencionam oportunizar um revisitar das desventuras experienciadas no ano pandêmico de 2020. Destas três dimensões posso mencionar: “*Como cheguei até aqui?*”; “*Como estou enfrentando os desafios da pandemia no desenvolvimento de minhas atividades?*” e o último que ousei denominar de “*Desventuras pandêmicas*”, que tenciono aglutinar os momentos anteriores e intensificar as discussões.

Minha carta, tecida a partir das provocações propostas no Cirandar, não assumirá a estrutura mais tradicional de um relato de experiência ou mesmo de um trabalho do campo acadêmico mais clássico. Optei por não separar minha escrita em tópicos e tão pouco apresentar um referencial teórico explícito, metodologia de análise de informações e/ou resultados. Como uma narrativa não deve ser fragmentada, (DORNELES, 2016), meu

percurso de escrita e aprendizagem acerca do ser professora na pandemia se estruturará por meio de um narrar de emoções, vivências e experiências. A partir do desafio de escrever sobre as mesmas aprendi muito e encontrei um oásis no caótico viver diário.

Primeiramente, compreendo como relevante apresentar algumas das marcas que me constituem como pessoa e como professora/pesquisadora, ou seja, o “Como cheguei até aqui?”. A escrita me constituiu como professora/pesquisadora e com certeza por meio dela cheguei até aqui. O desejo por ser professora sempre esteve conectado ao gosto por escrever, por contar histórias, por vezes reais e em outros momentos fictícias. Com o avançar do tempo uma espécie de híbrido, entre o real e a ficção, foram constituindo minhas narrativas. Escrever, de maneira objetiva, nunca foi uma característica. Sou prolixa na fala e na escrita, mas escrever me ajuda a organizar os pensamentos e tornar minha fala mais sistematizada e com maior poder de síntese.

Após, esse prelúdio, vamos lá! Sou gaúcha, filha de pais pescadores, moradores da Ilha dos Marinheiros, que fica localizada no interior da cidade de Rio Grande, no Rio Grande do Sul. Sim, isso mesmo, tive a grande oportunidade de ser criada no interior, em uma Ilha de verdade, circundada pela Laguna dos Patos. O mar era meu quintal! Minha formação básica, até o nono ano do Ensino Fundamental ocorreu em Escola do Campo. Apenas no Ensino Médio me desloquei para a “escola da cidade”.

Quando pensava acerca do curso que iria prestar vestibular, minha opção primeira sempre se delineava em cursar uma Licenciatura. Ainda não sabia se Física, Química ou Literatura. A opção na época foi a Licenciatura em Química na Universidade Federal do Rio Grande, a FURG. Logo que ingressei na graduação tive contato com a profa. Maria do Carmo. Sim, aquela que nos escreve as cartas e nos presenteia com belas fotos, poemas e inspirações. Ela foi minha professora de Química Orgânica, logo no primeiro ano da graduação. E depois em diferentes espaços, como nos Estágios, Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) e no Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (Pibid). Sim, fui pibidiana, comecei a trabalhar em 2008 e fiz parte da primeira turma de pibidianos no Brasil. Até hoje, para mim, é inquestionável o quanto o Pibid foi importante, e ainda é, no meu percurso constitutivo de vir a ser professora/pesquisadora na área da Educação Química.

A graduação me oportunizou muitas aprendizagens, dentre elas a principal, a importância da escrita, em sua função epistêmica, no processo constitutivo do vir a ser

professora. Acabei fazendo meu TCC acerca dessa temática. Com o término da graduação ingressei no mestrado, na época sob orientação do prof. Roque Moraes, uma grande referência na área da Educação em Ciências e um dos responsáveis por estar onde estou, mas diante de seu falecimento a profa. Maria assumiu minha orientação. Foi na época do mestrado em Educação em Ciências, na FURG, que comecei a trabalhar como colaboradora no Cirandar. Particpei da organização e execução do primeiro Cirandar, no ano de 2012. E continuei participando do mesmo até o ano de 2014. Ano em que, após aprovação em concurso público, vim trabalhar no curso de Licenciatura em Química da Universidade Federal da Grande Dourados, a UFGD, que fica localizada em Dourados, no sul do Mato Grosso do Sul. Região quente, com clima seco, mas permeada por cultura e beleza singulares. Os ipês em florada por aqui são uma poesia aos nossos olhos! Fora isso temos belíssimas árvores frutíferas por toda a cidade, predominam as com manga. É preciso ter cuidado, pois aqui em Dourados uma manga sempre está a cair no carro ou na cabeça de alguém.

Atualmente, tenho trabalhado com a formação inicial de professores e, em conjunto de alguns colegas, estou atuando no Programa Residência Pedagógica, o PRP. Nesses quase sete anos na UFGD, tenho lecionado componentes curriculares da área da Educação Química e de Estágio, também já participei do sub-projeto Pibid/Química. A pandemia nos trouxe inúmeras problemáticas e tragédias, particulares e coletivas, mas algo positivo, considerando esse cenário pandêmico, foi a possibilidade de intensificar as relações, mesmo que virtuais, com colegas queridos de outras regiões do país. E nesse sentido, que nesse momento, estou mais uma vez participando do Cirandar. A vida é um eterno revisitar-se não é mesmo? Novamente estou nesse espaço, alguns anos mais experiente, para aprender e compartilhar vivências e experiências nesse contexto tão significativo.

O retorno ao Cirandar, as lives das segundas-feiras e os encontros virtuais, com o grupo de coordenadores, nas segundas pela manhã, e com o grupo de professoras, vinculadas ao Cirandar, “as girassóis”, foi como um oásis, um pequeno refúgio do caos, e momento de inspiração. Voltar a escrever cartas tem sido um revisitar, de me (re)encontrar, de inspiração, poesia e experiência estética. Um verdadeiro oásis diante do cenário trágico que experienciamos.

Neste momento, com um pouco mais de maturidade, compreendo que a dúvida acerca de qual vestibular prestar, se Física, Química ou Literatura, e a opção pela Química, na verdade, não me distanciaram da Literatura. Na Educação Química essas

esferas não se distanciam, para mim atuar na formação de professores de Química se delinea como uma experiência estética, (TREZZI, 2011), e como tal me aproxima de linguagens e compreensões da esfera da Literatura, por exemplo.

Quando argumento que compreendo minha atuação como uma experiência estética, estruturo meu horizonte de compreensão por meio da percepção de que esta trata-se de um exercício que nos ajuda a construir uma boa relação conosco e com o mundo. Que nos oportuniza aprender e ensinar pelo sentido. Afinal, aprender e ensinar delinham-se como atos belos. No entanto, cabe ressaltar que quando falo do belo tenciono transcender a visão do que é superficial, o desafio é observar e perceber o belo no equilíbrio tênue entre sentimento e entendimento, ou seja, entre razão e emoção (TREZZI, 2011). Aprender e ensinar envolve o sentir e agir.

No grupo das “girassóis” tínhamos participantes de diferentes regiões, Mato Grosso do Sul, Rio de Janeiro, Distrito Federal, Goiás e Rio Grande do Sul. Penso que as palavras que definem nosso encontro é o entrelaçamento de afetos. Mesmo com tantos compromissos, cansaço físico e emocional, encontrávamos um tempo para nos reunirmos e após o encontro a certeza de que todas estávamos energizadas. Em um desses nossos encontros, em conversa optamos pelo nome Girassóis, diante do relato de uma das integrantes que mencionou a percepção desta flor. Segundo o relato dela o Girassol, na cultura indígena, não busca o Sol, mas outros girassóis e quando se encontram extrapolam os limites diante de uma explosão na intencionalidade de espalhar suas sementes. Achei linda essa percepção! Nos entendemos como "as girassóis", que buscam se energizar, a partir desse nosso encontro do Cirandar, e comprometidas em disseminar nossas experiências por meio da propagação das sementes com outras pessoas.

A segunda dimensão da minha carta se centra no questionamento: “Como estou enfrentando os desafios da pandemia no desenvolvimento de minhas atividades?”. Ao revisitar o momento inicial da pandemia me deparei com algumas percepções, as quais compartilharei com vocês na sequência.

A pandemia surpreendeu a todos nós, sua dimensão e devastação nos provocaram a (re)pensar acerca de muitas facetas e nuances da nossa sociedade. Diante desse cenário, tão complexo, o questionamento da profa. Maria na segunda carta nos provocou a refletir: “Será que temos mesmo a vocação para ser mais como apostou Paulo Freire?”, fico, constantemente, refletindo sobre. Nesse momento não tenho respostas, mas algumas

pistas que podem me/nos auxiliar no processo de delineamento de possíveis alternativas e direcionamentos.

Confesso que de início não tive entendimento e compreensão do que estava por vir, e da gravidade da situação. O começo das aulas, reuniões, escrita/correções de artigos, participação em eventos, debates políticos no âmbito da Universidade e fora dela, estamos, ainda, sob intervenção na UFGD, me impossibilitaram/cegaram de perceber a real situação que nos assolava. Por aqui nos questionávamos, a dengue tem ocasionado mais mortes do que esse vírus que muitos comentam. Mal sabíamos a tragédia que estava por vir! Com o progressivo aumento das notícias nos meios de comunicação, do rápido alastramento do vírus e do cancelamento das aulas em diferentes Universidades fomos, aos poucos, percebendo a gravidade do cenário que se anunciava.

Me lembro de no final do domingo, dia 15 de março por volta das 20h, acompanhar a notícia de que a FURG não realizaria suas atividades de maneira presencial a partir da segunda-feira, dia 16 de março, por um determinado tempo, que nesse momento não me recordo ao certo, mas penso ser algo por volta de duas semanas. Na segunda-feira, dia 16, mais um dia de trabalho na UFGD, tivemos uma reunião, no período da tarde, que agora não me recordo a temática, mas se referia as atividades de mais uma das comissões em que atuamos, acredito ser a Comissão de Estágio Supervisionado em Ensino ou do Núcleo Docente Estruturante do Curso.

Lembro-me de no final do dia, por volta das 18h, discutirmos ao final da reunião o quanto estava nos incomodando o fato da UFGD não se posicionar frente a situação pandêmica que se alastrava de forma avassaladora pelo mundo. Partimos, após mais um dia de trabalho. Levava comigo um livro, que continha textos que seriam discutidos com meus alunos de Estágio 1 na aula de terça-feira à noite. Iríamos dialogar acerca da dimensão da gestão na escola. Antes de ir para casa, passei no supermercado para comprar alguns ingredientes para o jantar, que teria como cardápio um macarrão com legumes.

No estacionamento do supermercado, por volta das 19h, a notícia no grupo de professores da Química, uma Portaria que versava acerca do recesso das atividades na UFGD. Nesta a informação de que o recesso perduraria por tempo indeterminado, diante do cenário de pandemia, e o anúncio de que maiores esclarecimentos, acerca de como as atividades deveriam ser realizadas, seriam repassados posteriormente. De início, ficamos todos aliviados por não estarmos em sala de aula diante da possibilidade de contaminação

via Covid-19. Algumas semanas se passaram, acredito que por volta de duas, e nos foi anunciado que o semestre 1/2020 deveria seguir, assumindo a modalidade de ensino remoto, utilizando ferramentas adequadas para esse cenário.

Logo de começo, perpetuou-se o entendimento de que o Estágio não seria ofertado. No entanto, ainda estava com mais dois componentes curriculares, destes: Bases Teóricas da Aprendizagem II (BTA II) e Formação de Professores de Química (FPQ), respectivamente ofertados para o segundo e oitavo semestre do curso. Ambos, contém uma carga horária virtual, pois assumem uma natureza semi/presencial, com ações vinculadas ao ensino presencial e a distância. Diante desse contexto, comecei a me organizar para elaborar aulas e atividades para nossas salas virtuais, no Moodle institucional, que já existiam e eram utilizadas em nossas aulas.

Lembro-me de ter montado uma aula, com uma retomada de alguns conceitos da teoria piagetiana, e de propor algumas atividades na sala virtual para os alunos de BTA II. No componente de FPQ já haviam atividades para ser realizadas, pelos alunos, para duas semanas. No entanto, após alguns dias o anúncio de que as aulas do semestre 1/2020 estavam suspensas. Nesse momento, ficamos receosos e perdidos acerca dos próximos passos. Mas compreendíamos a relevância da decisão, visto que muitos de nossos acadêmicos não têm acesso à internet em suas residências e utilizam os recursos, de internet e computadores, da UFGD para realizar as atividades acadêmicas.

Por algum tempo, experienciamos um período de estagnação, sem reuniões e/ou atividades. A inquietude e de certa forma o receio diante da situação global, nacional e local assustava e desestabilizava a todos nós. Após algumas semanas as atividades foram sendo, progressivamente, retomadas. Uma série de reuniões, com temas burocráticos e de delineamento de possíveis cenários futuros eram realizadas. Confesso que naquele momento não via sentido algum em discutir verba para aquisição de equipamentos de laboratório!

Aos poucos a rotina do trabalho em casa foi sendo estruturada e os dias foram sendo preenchidos, para além da organização e manutenção da casa. Convite para escritas de artigos, avaliação de outros, as lives, palestras nesse formato virtual, foram nos desafiando a elaborar discussões e acompanhar outras. De começo foi muito interessante acompanhar a gama de lives que eram disponibilizadas e nos provocavam a refletir acerca de diferentes nuances. Inclusive as propostas pelo Cirandar, pelos cursos de Química e

pelo Programa de Pós-Graduação em Ensino de Ciências e Matemática da UFGD, foram muito significativas no exercício de sobreviver ao caos que vivenciávamos. Muitos aspectos negativos emergem da tragédia da pandemia, mas a aproximação com colegas de outras regiões foi algo reconfortante diante dessa catástrofe global que experienciamos.

As ferramentas sempre existiram, mais dificilmente as utilizávamos. Esse cenário nos desafiou e desacomodou, nisso pude romper com alguns dos meus medos e receios na utilização de ferramentas de comunicação de áudio e vídeo. E com isso tive a oportunidade de trabalhar com professores e colegas de regiões, geograficamente, distantes. Dentre essas experiências a oportunidade de voltar ao Cirandar e estar em uma roda com pessoas de regiões distintas, aprendendo e refletindo coletivamente acerca de nossas práticas e experiências.

Em julho, recebemos a notícia, via portaria, que a UFGD assumiria a modalidade de ensino remoto, por meio do Regime Acadêmico Emergencial, o RAE. Opção adotada por muitas instituições, e que já estavam trabalhando com esse modelo. Por aqui nossas aulas seriam organizadas em módulos, com aproximadamente 1 mês, ou mais precisamente 25 dias. De agosto à dezembro teríamos quatro módulos. A opção por não ofertar Estágios e componentes curriculares experimentais foi adotada pela instituição. Nesse ínterim, foram avaliadas as possibilidades, em termos de oferta de cada área, considerando diversos fatores, dentre eles a existência de alunos formandos.

Diante dessa conjectura, ofertei no RAE, o componente obrigatório de FPQ, no módulo dois, e o componente eletivo de Tópicos da Análise Textual Discursiva no Ensino de Química, no módulo três. Optei, nesse momento, em relatar as atividades, desafios e enfrentamentos experienciados no componente curricular de FPQ. Todas as nossas atividades foram realizadas no espaço do Moodle institucional, em nossa sala virtual. Antes de começar nossas aulas, que iniciariam em setembro, muito planejamento, seleção e elaboração de materiais didáticos, e nesse novo cenário gravação de vídeos, com orientações e aulas, para serem postados em nossa sala virtual.

Com o início de setembro, mais especificamente, após o feriado do dia 7, iniciamos nossas atividades. Optei, diante da avaliação de algumas nuances como: ser um componente do oitavo semestre, a ampla maioria dos matriculados já havia iniciado esse componente comigo, de forma presencial antes da pandemia, e o contexto em termos de

acesso à internet e de trabalho da maioria dos alunos, que as aulas ocorreriam de maneira assíncrona. Diante desse contexto, todas as atividades estavam disponíveis na sala virtual e um prazo era estipulado para a conclusão de cada uma delas.

Nosso meio de comunicação, utilizado com maior frequência, foi o WhatsApp. Construimos um grupo e neste eram disponibilizadas orientações, avisos, esclarecimentos diante de dúvidas, enfim foi nosso espaço de diálogo. As propostas de atividade se centraram na leitura de textos, elaboração de resenhas críticas, projetos de pesquisa e de escritas de natureza dissertativa/argumentativa. Em conjunto, vídeos com orientações e discussões de conceitos centrais eram inseridos na sala virtual, no Moodle.

Atualmente, percebo o quanto esse percurso foi desgastante e cansativo, considerando todo o processo de desenvolvimento e planejamento das estratégias didáticas e manutenção da plataforma, nossa sala virtual. A todo instante alunos com questionamentos e em conjunto a dificuldade de interagir de forma remota, causavam uma estafa mental e física. A ampla maioria conseguiu concluir as atividades e obteve êxito. Porém, compreendo que muito se perdeu, especialmente a interação olho no olho e as expressões faciais, enfim todas essas dimensões que estruturam a aula no formato presencial e que são intensamente prejudicadas nas aulas de maneira remota. Afinal, nas telas frias do computador conseguimos manter a rede de afetos, porém o calor da relação olho no olho, dos abraços, cheiros e das trocas são prejudicadas.

Outra nuance que me causou um certo incômodo e inquietamento foi a quantidade, significativa, de textos/escritas com plágio. Quando questionava aos alunos acerca dos episódios várias desculpas emergiam. Somente após uma “chamada” geral na turma esses episódios se encerraram. Enfim, são muitos os desafios, encantos e desencantos diante desse novo cenário.

Acerca do questionamento, com base na teoria Freiriana, se o ser humano tem vocação para ser mais, não tenho resposta, nesse momento. Mas penso que romantizar o cenário pandêmico como um movimento que oportunizará a melhoria do ser humano me parece imaturo e de certa forma ingênuo. As atitudes dos governantes, de alguns grupos sociais, entre outros espectros da sociedade anunciam pistas que nos levam a construir um argumento de negação, acerca da possível condição de ser mais do ser humano. Mas como tudo não pode, e penso que não deve, ser polarizado e/ou generalizado há situações, vivências e experiências que nos levam a percepção de pistas que nos possibilitam

enxergar a condição de possibilidade do ser humano ser mais. O que vocês pensam? Que percepção da realidade constroem?

Como última dimensão da minha carta abordo as reflexões inerentes a nuance: “Desventuras pandêmicas”. Me constituí como ser humano o exercício de buscar aprender com as distintas situações que experiencio. Nesse ínterim, não foi diferente com a pandemia e com todas as tragédias que tem nos assolado nesse período tão complicado. Sigo receosa acerca do potencial ou vocação do ser humano para ser mais. Não acredito que a pandemia será o fator predominante para mobilizar nossa sociedade acerca das desigualdades que nos assolam. De fato, penso que algo ficou muito nítido, considerando o cenário pandêmico, as desigualdades sociais. Vivemos em um país com dimensões continentais, com recursos naturais vastos, beleza e cultura diversificadas, mas ao mesmo tempo vivenciamos preconceitos e mazelas econômico/sociais que são devastadoras.

Do meu fazer e saber na pandemia compreendo a potência do trabalho colaborativo, desenvolvido com professores e pesquisadores de regiões geograficamente distantes de mim. Como já mencionei anteriormente, as ferramentas já existiam, mas foi a pandemia que nos “obrigou” a adaptação a essa nova forma de trabalho. Além disso, nunca antes se discutiu tanto acerca do papel do professor, da escola e principalmente da precariedade da escola pública quando comparada, em termos de recursos financeiros, a rede privada.

Por vários momentos, no período de eleições presidenciais, se levantou a bandeira da relevância do “homeschooling”. Vocês lembram disso? Penso que diante das experiências vivenciadas, nesse nosso complexo 2020/21, muitos repensaram a implantação dessa modalidade de ensino. Além disso, se discutiu muito acerca da importância do professor e do quanto os mesmos são mal remunerados. No entanto, todas essas problematizações, penso eu, que não se materializaram em ações. Tratam-se de discursos esvaziados de ação!

Governantes seguem a argumentar que o “professor não quer trabalhar!”. Afirmação embasada pelo fato destes profissionais argumentarem acerca do não retorno as aulas presenciais sem a vacinação. Eu me questiono e questiono a vocês: desde quando o professor parou de trabalhar na pandemia?! Nossa demanda de trabalho triplicou, e o pior nos sentimos frustrados por perceber alunos excluídos, pelo fato de não terem acesso à internet ou aos recursos e ferramentas necessárias para o pleno desenvolvimento das atividades no ensino remoto. Isso sem problematizar o fato de que muitos de nós

professores, não temos acesso aos recursos necessários para o desenvolvimento de nossas atividades nesse formato.

Enfim, como comentei sou prolixa, já se vão quase dez páginas de carta/narrativa, espero que vocês leiam até o final. Mas e vocês o que pensam, sentem e aprendem nesse mundo complexo, imerso em uma pandemia? Como o ser professora, em meu horizonte de compreensão, se configura como uma experiência estética, e além disso argumento que estar e escrever no Cirandar se tornou um oásis no meu viver diário compartilho com vocês um poema de João Cabral de Melo Neto intitulado “Tecendo o amanhã” (MELO-NETO, 2008). Espero que juntos possamos tecer uma rede de apoio que oportunize um amanhã melhor, mais igualitário, com mazelas sociais minimizadas, uma educação de qualidade para todos, com valorização do profissional professor e com um modo de ser sociedade melhor.

*Um galo sozinho não tece uma manhã:
ele precisará sempre de outros galos.
De um que apanhe esse grito que ele
e o lance a outro; de um outro galo
que apanhe o grito que um galo antes
e o lance a outro; e de outros galos
que com muitos outros galos se cruzem
os fios de sol de seus gritos de galo,
para que a manhã, desde uma teia tênue,
se vá tecendo, entre todos os galos.*

*E se encorpando em tela, entre todos,
se erguendo tenda, onde entrem todos,
se entretendendo para todos, no toldo
(a manhã) que plana livre de armação.
A manhã, toldo de um tecido tão aéreo
que, tecido, se eleva por si: luz balão.*

Um abraço fraterno e grato pelas experiências que compartilhamos,

Vivian Calixto!

Março, ainda pandêmico, de 2021.

REFERÊNCIAS

CIRANDAR-FURG. Disponível em: <https://cirandar.furg.br/> . Acesso em 30 mar. 2021.

DORNELES, Aline Machado. Rodas de Investigação Narrativa na Formação de Professores de Química: pontos bordados na partilha de experiências. **Tese de doutorado**. Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências: Química da Vida e Saúde, Universidade Federal do Rio Grande, Rio Grande, 2016.

DORNELES, Aline Machado. **Cirandar**: rodas de investigação desde a escola. V. 4 – Rio Grande, RS: Ed. da FURG, 2018.

MARQUES, Mario Osório. **Escrever é preciso**: o princípio da pesquisa. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

MELO-NETO, João Cabral. **A educação pela pedra e outros poemas**/ João Cabral de Melo Neto. Rio de Janeiro: Objetiva, 2008.

TREZZI, Clóvis. Schiller e Freire: um olhar sobre a educação estética. **Revista Eletrônica de Ciências da Educação**, Campo Largo, v. 10, n. 1, jul., p. 68 – 77, 2011.

Recebido em: 06 de maio de 2021.

Aceito em: 12 de maio de 2021.